

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2004 - ANO VIII - Nº 88

EDITORIAL

São uma constante o desrespeito e a falta de cuidado com o patrimônio histórico brasileiro. Com frequência, assistimos a atos de agressão ao nosso patrimônio, que colocam em risco sua integridade. Dessa maneira, documentos, imagens sacras, obras de arte, sítios arqueológicos, edificações, reservas florestais, etc., por descaso e omissão, desaparecem ou são depredados. Sempre que ocorre algum tipo de injúria ao patrimônio, tímidas manifestações de desagravo acontecem por parte da população – falta-nos uma cultura preservacionista e ações cidadãs. Os responsáveis pela guarda desse patrimônio sempre se eximem da responsabilidade ou a repassam para terceiros. Esquecem-se de que o cuidado é obrigação de todos nós.

O Estado e o município tratam mal seus patrimônios e, quando pressionados pela opinião pública, que aponta sua inoperância, a justificam com a falta de recursos. Colocam sempre a cultura em segundo plano. O que não entendem é que há certas economias que acabam custando caro. E a perda do patrimônio cultural é uma delas.

Recentemente, no último dia 29 de abril, tomamos ciência de que a biblioteca do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, na Quinta da Boa Vista, antiga residência de D. Pedro II, teve treze obras raras furtadas e onze danificadas. Os livros que desapareceram do acervo, datados dos séculos XVI e XIX, versam sobre história natural. Entre eles, obras de Hans Staden, de 1592, e Johann Baptist Von Spix. O valor é inestimável. A repercussão pela mídia foi imediata. Logo a seguir, vimos liberada pelo governo uma parcela de recursos para melhoria da segurança do Museu, o que nos mostra a necessidade de se criar uma consciência voltada para a valorização de nosso patrimônio como herança recebida de nossos antepassados, com o compromisso de deixá-lo para as gerações futuras.

Uma política cultural preservacionista precisa ser efetivada antes que percamos nosso patrimônio e, junto com ele, parcela significativa de nossa História. Daí, só nos restará lamentar.

Garantir a segurança e a conservação de obras e lugares preciosos não é gasto supérfluo. É investimento.



“Partida para o Cafezal”, fotografia de Marc Ferrez: 1881 - 1886. A mão-de-obra escrava foi utilizada no Vale do Paraíba em função da cultura cafeeira, no século XIX. Após a Lei Áurea a escravidão tornou-se ilegal.

O 13 de Maio e o Trabalho Escravo no Brasil

“A Lei 3.353, de 13 de Maio de 1888 Declara Extinta a Escravidão no Brasil.

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade, o Imperador, o senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império, que a Assembléia Geral decretou e Ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º - É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.”

Passados 115 anos da assinatura da “Lei Áurea”, uma chamada na televisão causando incômodo. Homens, mulheres e crianças acorrentados apontam a prática do trabalho escravo no Brasil. Muitos não acreditam que tal prática ainda exista, mas, infelizmente, existe. A assinatura da Lei Áurea, em 1888, representa o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre outra, colocando fim à possibilidade de se possuir legalmente um escravo. No entanto, persistem situações que mantêm o trabalhador sem chance de se desligar de seus patrões. Na zona rural de muitos lugares do país, grandes proprietários recrutam trabalhadores para diferentes atividades agropecuárias. Aliciam os trabalhadores em locais distantes dos serviços, mostrando-se portadores de excelentes oportunidades de trabalho. Oferecem serviços em fazendas, com bom salário, boas condições de alojamento e comida farta. Ao chegar ao local de trabalho, são surpreendidos por situações completamente diferentes das prometidas. O adiantamento oferecido, o transporte e as despesas com alimentação na viagem já foram anotados no caderno de dívidas do

trabalhador. Além disso, ele percebe que o custo de todos os instrumentos de que precisa para o trabalho – foices, facões, motosserra, entre outros – também serão anotados no caderno de dívidas, bem como botas, chapéus e roupas. Finalmente, alojamento e alimentação precários serão anotados. Tudo a preço muito acima dos praticados no comércio.

Se o trabalhador pensar em ir embora, será impedido sob alegação de que está endividado e de que não poderá sair enquanto não pagar o que deve. Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições ou tentam fugir são vítimas de surras. No limite, podem perder a vida.

Em 1995, o governo brasileiro assumiu a existência do trabalho escravo no Brasil e foram criadas estruturas governamentais para o combate a esse crime. No ano passado, o governo lançou o Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo e criou a Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo.

Em março de 2004, o Brasil reconheceu, na ONU, a existência de, pelo menos, 25 mil pessoas reduzidas à condição de escravos, no país. De 1995 a 2003, 10.726 pessoas foram libertadas graças às ações de grupos móveis de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego.

O trabalho escravo vem sendo denunciado pela imprensa e ganha a opinião pública. O Estado, que, por muito tempo, esteve ausente na vida dos mais fracos, que não tinham garantidos seus direitos e cidadania, aliado a grupos de combate a essa prática, busca garantir esses direitos.

Teca Gouvêa

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Comemoração do aniversário de inauguração do Grupo Escolar “Antônio João”, em 1949

O Grupo Escolar “Antônio João”

A mais antiga e tradicional instituição de ensino de Piquete, o Grupo Escolar Antônio João, é o resultado da fusão das escolas isoladas do município. Isso ocorreu em 1920, quando o Major Carlos Ribeiro, prefeito municipal, anexou as escolas existentes na cidade, com o nome de **Escolas Reunidas de Piquete**.

Posteriormente, veio a denominação oficial de Grupo Escolar de Piquete. Foi instalado, primeiramente, na rua Cel. Luiz Relvas, num antigo casarão do século XIX (em frente à atual Igreja Metodista), na expectativa de que o governo do Estado viesse a construir o prédio para o Grupo Escolar. Esta era uma antiga reivindicação dos piquetenses: já em 1911, durante a administração do prefeito José de Brito, a municipalidade doou para o governo um terreno com essa finalidade. Os anos se passaram. Em outubro de 1939, as aulas foram suspensas, uma vez que o velho edifício colocava em risco a vida dos alunos.

No dia 14 de abril de 1940, às 15h, aconteceu o assentamento da pedra fundamental do atual Grupo Escolar. A esse concorrido ato compareceu grande número de moradores, além de autoridades de ensino e uma delegação do governo do Estado, a cuja frente estava o professor Dario de Moura, diretor do Departamento de Educação da Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado. Também estiveram presentes o Cel. Gomes Carneiro, diretor da Fábrica Presidente Vargas, e oficiais, além do prefeito municipal, José de Brito Júnior, o padre Septímio Ramos Arantes e chefes da construção do prédio. Falou, na ocasião, em nome da municipalidade, padre Moraes, vigário de

Guaratinguetá, e pelo corpo docente do Grupo Escolar de Piquete a professora Celina Guimarães. De acordo com o contrato, o engenheiro, Dr. Amâncio Figueiredo, deveria entregar a obra no prazo de 6 meses.

A seguir, todos se dirigiram para a inauguração do grupo escolar provisório, localizado nas primeiras casas construídas para a Vila Duque de Caxias. Esse novo Grupo recebeu o nome de “Grupo Escolar Ten. Cel. Aquino”. As obras correram dentro do prazo previsto, de maneira que, em 1941, o Grupo Escolar de Piquete foi inaugurado com o nome de “Antônio João”, herói da Guerra do Paraguai. O novo Grupo, localizado na antiga Praça Cel. Wiedmann, hoje praça 15 de junho, era uma construção moderna que satisfazia plenamente às exigências técnico-pedagógicas. À sua frente um bem cuidado jardim, com bancos doados pelo comércio local.

O edifício, muito bem dividido, possuía sete salas de aula amplas e bem iluminadas, sala de diretoria, gabinete dentário, etc. O pátio interno apresentava agradável aspecto devido a um belo jardim com um repuxo do qual jorrava água fresca e cristalina. Nesse ambiente de conforto e saber, o Grupo Escolar Antônio João já recebia, nos seus primeiros anos, 650 alunos, divididos em dois períodos de aula. Pelas espaçosas salas passaram inúmeras gerações, que ali receberam instrução e educação ministradas com amor, carinho e espírito cívico. Todos que o freqüentaram receberam boa formação e valioso preparo para a vida. Contribuíram para isso vários professores. Todos deixaram marcas indeléveis nos alunos. Dentre os pioneiros do ensino nas primeiras décadas do Grupo

Escolar destacaram-se: os diretores Nestor Pereira Éboli, Carlos Ramos da Silva e Benedito Édson de França Guimarães, e os professores Justiniano Lopes da Silva, Osmar Rocha Simas, Leonor Guimarães, Palma Ferrari de Oliveira (Dona Palmira), Celencina Guimarães, Tereza de Melo, Conceição Godoy, Haydê Oliveira Éboli, Maria de Lourdes Meireles Gama, Maria de Lourdes Brito Villar (Dona Milita), Maria Alice de Araújo Luz, Fernanda Eunice B. Faury, Maria Aparecida Marcondes, Maria do Carmo Amaral Paschoal...

Havia no Grupo a Caixa Escolar, um órgão que beneficiava os alunos carentes, uma biblioteca infantil, um informativo “O Antônio João”, a sopa escolar, cuidada pela D. Júlia Salomé, orfeão escolar, cooperativa escolar, etc.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Apoio cultural: Fazenda Mundo Novo I

Tiragem: 1000 exemplares
A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Inês Rodrigues

De tradicional família do bairro dos Marins, Inês da Soledade Rodrigues é a caçula de 18 irmãos, filhos de José Carlos Rodrigues e Francisca Ribeiro. Nasceu naquele bairro serrano em 14-08-1945 e lá vive cercada pelas mais deslumbrantes paisagens do Vale do Paraíba, à sombra dos 2422m do Pico dos Marins.

Respeitada e reconhecida pela comunidade, Inês é referência para quem quer conhecer um pouco do lugar. A todos que a procuram recebe com carinho e atenção. Gosta de boa conversa, principalmente se o assunto é pertinente ao bairro e à sua população. Junto com sua irmã Cida, com quem reside, relata fatos e datas com precisão. São memórias vivas do lugar.

Religiosa, Inês aponta a Capela de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro, como ponto de encontro da comunidade. Conta-nos que nos anos 30 havia uma pequena capela de Santa Cruz no bairro e que em 1937 o Padre Oswaldo Bindão construiu, com o apoio da população, uma capela em pau-a-pique para Nossa Senhora Aparecida. Poucos anos depois ela foi demolida e em seu lugar construiu-se uma de alvenaria, inaugurada em 8-10-1950, que, ao longo dos anos, sofreu reformas e ampliações que resultaram na atual.

Inês recorda-se, reverente, de seu primeiro professor, Chico Máximo, cujas aulas eram ministradas na própria capela, pois não havia escola no bairro. A classe era formada de três séries, com 48 alunos. O 4º ano, cursou-o no período noturno, e sua professora foi Myrthes Mazza, com quem aprendeu a gostar de encenações. Esse aprendizado seria usado, mais tarde, na evangelização.

Desde os anos 60 Inês prepara jovens para a 1ª Eucaristia e para o Crisma. Ainda adolescente, foi para o Convento, mas a saúde frágil obrigou-a a deixá-lo.

Formou-se, então, em Lorena, auxiliar de enfermagem e voltou para o bairro natal, onde passou a exercer sua profissão como funcionária pública municipal, atendendo



aos moradores da comunidade. Aposentou-se recentemente.

Paralelamente ao trabalho na Saúde, Inês sempre cuidou da assistência religiosa dos moradores. Em 1977, a convite do Padre Alexandre Pereira da Silva e de Dom Antônio Afonso de Miranda, tornou-se Ministra da Eucaristia. Exerce seu ministério com muita fé e responsabilidade. Sua dedicação à Igreja é exemplar. Ao longo dos últimos quarenta anos, vem trabalhando com as crianças do bairro, evangelizando-as por meio do teatro, com encenações primorosas: é prazeroso assistir aos autos de Natal, à Paixão de Cristo, na Semana Santa e à coroação de Nossa Senhora, no mês de maio. Colabora, também, na organização das festas juninas e da padroeira do bairro, da qual foi festeira inúmeras vezes.

O trabalho de Inês é exemplo de cidadania e de amor ao próximo, cujo resultado é a formação de uma comunidade unida e solidária como a dos Marins.

Crianças de Catecismo da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, do Bairro dos Marins. À direita, Inês da Soledade Rodrigues; à esquerda, sua irmã, Cida Rodrigues, ambas catequistas. Foto de 1963.



Foto arquivo Pro-Memória

Mãe

*Eu queria escrever um poema
que retratasse a figura
doce e terna de minha mãe.
Um poema que lembrasse
a alegria pura que sentia
nos dias de festa:
Páscoa... família reunida.
Ovos de chocolate, paçoca e pinhão.
Mamãe trabalhava, sorria e rezava!
Um poema que lembrasse as noites de
Natal!
Presépio armado... família reunida.
Missa do Galo...
Ceia... Papai Noel... Presentes...
Mamãe trabalhava, silenciava, rezava...
As sementinhas da romã
Na passagem do ano
Apelando aos Santos Reis prosperidade.
Superstições... Mamãe não acreditava.
Mamãe calma; contrita, rezava!
Um poema que lembrasse
O Dia das Mães! Festa! Alegria!
Ternura... Mamãe sorria, agradecia!
Eu queria escrever um poema
que na memória avivasse
a figura saudosa de minha Mãe.
As noites mal dormidas
As madrugadas despertadas
velando o sono dos filhos.
Um poema que dissesse verdades
sobre sua grande capacidade
de contornar situações difíceis!
Mãe sábia, bondosa, firme, tranqüila!
Eu queria escrever um poema
que contasse sua vida:
a sua vida de Mulher, Esposa e Mãe.
Um poema que ultrapassasse fronteiras,
Chegasse ao infinito, para
agradecer ao Senhor a maravilhosa
riqueza do amor de minha Mãe.
Seus exemplos dignificantes,
trago-os bem vivos,
entranhados no meu coração.
Eu queria escrever um poema...
Mas meu pensamento dispersa,
as palavras fogem...
É muito difícil descrever com fidelidade
a figura de minha Mãe.
Que presunção a minha!...
Ela merece o poema mais perfeito,
os versos mais rimados.
Um poema-canção que, em versos,
cantasse a música dos justos.
Que presunção a minha!...
Eu queria escrever um poema
que falasse da saudade e da eternidade
das coisas que não voltam,
mas que não morrem jamais.
Eu queria escrever um poema
e ofertá-lo, neste Domingo de Maio,
quando o outono começa a mostrar
seus primeiros indícios de frio.
Frio de saudade,
Frio de ausência, solidão...
Eu só queria escrever um poema...*

Eunice Fernandes

São Paulo, 450 anos

Slogan: Declare seu amor à cidade

Uma faixa enorme estendida em frente à Catedral da Sé proclamava: 450 anos de São Paulo. A tarde era a de 23 de janeiro de 2004, uma sexta-feira, antevéspera da comemoração do dia do aniversário.

À frente da Catedral, selada com o símbolo dos 450 anos, um imenso palco abrigava reluzentes instrumentos e equipamentos de um show da moderna música popular: do rock à MPB, ao rap, ao tudo o mais. A praça estava cheia da gente mais simples que anda pelas ruas. A moçada parecia ter saído dos bairros, notadamente da zona leste. Há um certo perfil desse segmento urbano. Eles têm uma espécie de marca registrada. Há quem os veja preconceituosamente. São barulhentos, anti-convencionais e manifestam-se desinibidamente nos gritos, nos beijos e abraços, no gingado dos corpos, em cima da moda a mais descontraída. Mas há representantes de todos.

Misturam-se veteranos e calouros nas lides operacionais: de terno, gravata e pastas executivas. Os sotaques são vários. Nas caixas acústicas rolam os sons. Nos spots luminosos, as cores são todas em arco-íris, ou na predominância de uma delas. E mais fumaças de gelo seco. Brumas artificiais.

Veio a chuva com trovoadas. Ninguém se mexeu. A chuva aumentou. O vendedor de capas plásticas transparentes faturava, preços inflacionados pela necessidade. Poças d'água. Os pregadores da Bíblia recuados. Os policiais em uniformes completos, de capacete. Em grupos. Em blocos. De todos os lados. Mas tudo calmo. Era só festa. Tempo marcado pela efeméride.

Um jovem, muito pobre, possivelmente subalimentado, descalço, coberto com pedaço de plástico mal amarrado no ombro, dançava. Seus movimentos, leves e graciosos, pareciam coreografados matematicamente. Abria-se espaço para ele. Envolto em sua dança, era dono do mundo. Pisava latinhas de refrigerantes. Provavelmente, as recolheria para vender.

A gente da rua passava quase sem olhá-lo. Poucos paravam. Gente sofrida. Muitas crianças acompanhando. E a chuva inclemente dispersou boa parte das pessoas que esperavam o grande show. A estação próxima do metrô estava cheia. Interessante foi observar que, se normalmente todo mundo corre pela rua, escadas rolantes, mezaninos da estação, como bólidos em rota de colisão e insensíveis a tudo, agora pareciam todos transformados. Andavam em relativa calma. Guardando distâncias. Reclamações sempre há. Palavrões também. A polícia tranqüila. Nos alto-falantes a estação do metrô alertava para o cuidado

com as crianças.

As lojinhas de alimentos barateados como os panetones sobrados do Natal e biscoitinhos vendiam muito. O pessoal em fila, mastigando já. Comportadíssimos e ávidos. Quase felizes, por consumir. Paulistanidade assumida.

Nada de gente abastada. Esta, recolhida em seus nichos de luxo, com medo dessa gente do povo.

Baterias de escola de samba nas esquinas, a lembrar que era dia de festa. Invocações aos orixás de afro-descendentes. As letras das músicas pareciam conter protestos ou galhofa, ou simplesmente lembravam os velhos temas que se cantam em todos os tempos.

Na estação da Sé, uma belíssima exposição explicando como usar bem a água, e o histórico em imagens das ações administrativas em distribuí-la, tratá-la, conservá-la e valorizá-la. Gravuras antigas, caricaturas, fotos modernas, mensagens. Uma delas: Economize Água, Esbanje Inteligência. Uma informação mostrava que no momento celebrado da independência – 1822 – a cidade de São Paulo possuía 20 mil habitantes. Uma Piquete de hoje, com pouco menos, portanto.

Aos 450 anos como estará Piquete? Perguntei-me, pensando como está São Paulo.

Andar por estas ruas paulistanas, no dinamismo dos que aqui se encontram, faz-me remeter a um 4 de julho que passei em Nova Iorque.

O Edifício do “Banespa”, atual sede da Prefeitura Municipal de São Paulo, inaugurado em 27 de junho de 1947, com 35 andares e 161m de altura



Nas ruas comemorativas da independência, principalmente a gente simples. A Times Square, como se fosse a Praça da Sé. Pelas roupas notava-se a gente simples das periferias. A fala do jargão, na gíria da moda. Os tons suaves nas roupas somente se viam nos dias úteis, lá para o alto Manhattan (Upper Manhattan), de influência européia, onde os números dos prédios são escritos por extenso. Onde as pessoas falam em tons baixos, no inglês culto.

No feriado de 4 de julho, na Middle Manhattan, o comércio aberto. As lojas de departamento com promoções: “Sale”. A Macy’s cheia. A fanfarra da Macy’s em exhibições no Central Park. Fogos de artifício. Os teatros da Broadway regurgitando da gente dos subúrbios, com espetáculos à tarde. Fui assistir a “Drácula”. Um primor do romantismo do século XIX.

Encenação primorosa. O principal, isto é, o melhor ator teatral do Drácula está em cena. Ingressos disputadíssimos. “Sold out” (esgotado), disseram-me na bilheteria. Mas, jogo na sorte. Sempre se encontra alguém dispondo de um, já comprado com antecedência, e sujeito aos imprevistos.

Lá fui. Gostei, aplaudi com entusiasmo. No final, até o morceguinho que sobrevoava o palco, o mesmo se transformava no temível, mas desejado Drácula, movido por cordas invisíveis, desfraldava a famosa bandeirinha das listras e estrelas (Stripes and Stars). E tudo o mais na cidade era a bandeira. Nas janelas iluminadas dos “skycrapers”. Em combinações das cores e formas, nos sorvetes, nas sobremesas, nas canetas Parker vendidas aos montes, como “souvenirs”.

A gente simples se embebedava de prazer e a cidade estava humanizada. Como São Paulo em sua festa de 450 anos. Quem foi que disse que esse mundo de gente que vive em São Paulo não sabe festejar? Pergunte nas ruas: quem nasceu aqui? Só os filhos e netos. Quem não gosta de festa? Só se for quem não anda nas ruas.

Meu propósito em escrever sobre as comemorações foi despertar o interesse nos significados dos atos. Estes, embora efêmeros, na sua manifestação a marcar calendários, são, entretanto, permanentes nos seus sentidos. São eles que infundem o amor pelo lugar, o respeito por suas tradições e o desejo em vê-lo valorizado.

O aniversário de Piquete será comemorado em breve.

Que pensamentos dirigirmos para os 113 anos de nossa cidade? O que deixarmos impregnado na memória de nossos cidadãos e seus descendentes?

Dóli de Castro Ferreira

Anotando

Piquete, 7 de abril de 2004*O encontro de Mãe e Filho*

Dia marcado no calendário para a procissão do Encontro, tradição cultural-religiosa de nosso povo.

Padre Severino Cícero Ferreira optou por uma variação no itinerário de Nossa Senhora das Dores, que, saindo da Vila Vicentina, ao invés do tradicional percurso pela Major Pedro, Major Carlos Ribeiro, Américo Brasiliense e São Miguel, preferiu a Tancredo Neves, nos vestígios da ferrovia, e o tradicional bairro da Raia. Ao contornar a velha estação, passando pela Duque de Caxias, e adentrar o espaço que fora do trem dos operários, ele escolheu, talvez sem saber, com detalhe, um espaço de memória privilegiada.

Os morros próximos, ecoaram nos cânticos e orações os tempos perdidos dos esquecimentos. Sobre o asfalto da noite chuvosa a Senhora das Dores era levada como símbolo de fé e estética.

Onde não há abrigos a chuva se intensificou. As pessoas, sob forte chuva, não arredaram. Protegidas ou não, pelos guarda-chuvas. Pés cansados chapinhavam ruidosos nas poças d'água. Verdadeiras lagoas. Tudo encharcado.

A fé, movendo a todos, era uma imagem forte a ser compreendida. No mistério envolvente do sagrado, a dor registrada na imagem era de beleza rara sob a cortina da

chuva entremeada pela luz dos postes, longe, longe...

O encontro dado por Nossa Senhora e seu Filho – o Senhor dos Passos – ocorreu próximo à ponte do sacrificado Ribeirão Piquete. Pela avenida Luiz Arantes Júnior, o Senhor em dor vinha lá do pé da serra, das capelas de Santo Antônio e São Benedito. Percorrera artérias de ligação dos velhos caminhos da Vila, que se instalara para guiar passos, serra acima, serra abaixo. Nas velas moventes, o registro das pessoas, cruz à frente.

Um encontro de dor a registrar todos os encontros de um povo que manifesta sua fé nas caminhadas das procissões e dá, dessa forma, provas de seu empenho. Quando a chuva impede um desses atos, fica frustrado. Nosso povo aprendeu assim a religiosidade. Quem não acompanha espia de portas, janelas e esquinas. Converge em pensamento. Testemunhando o tempo nas efemérides, o povo atravessa as ruas. Reconhece-se.

Que sentido procuramos nessas imagens vivas? A Igreja, hoje, investe na Páscoa como a celebração maior – na mensagem da vida renovada. E nós, o povo, como manifestá-la?

*Dóli de Castro Ferreira***06 de Maio - Festa de S. Domingos Sávio**

São Domingos Sávio era aluno de dom Bosco, em Turim, na Itália. Faleceu aos 15 anos de idade e foi declarado santo pelo papa, em 1954.

Santo, na Igreja católica, é o título que se dá a um cristão muito especial, mais próximo de Cristo e que pode servir de modelo.

Para comemorar a data cinquentenária da canonização de Domingos Sávio, em 2004, os Salesianos do mundo inteiro estão lançando um desafio a todos os jovens: ser santos como Domingos Sávio. Ser santo não depende de idade.

Domingos Sávio abriu um caminho novo. Depois dele, muitos seguidores de Dom Bosco, na família salesiana, seguiram o caminho da santidade. Há cinco santos salesianos e 48 bem-aventurados, isto é, adultos e jovens que estão próximos de ser declarados santos, no sentido acima citado. Seis deles são jovens, entre os quais está Laura Vicuña, aluna das irmãs salesianas no Chile.

Há ainda muitos homens e mulheres na família salesiana em processo de serem declarados santos. Entre eles há o índio

Zeferino Namuncará, da Argentina, e o Padre Rodolfo Komorek, falecido em São José dos Campos.

No domingo, 03 de maio, o Papa João Paulo II beatificou, em Roma, mais outros três membros da família salesiana: o príncipe polonês, Augusto Czaratorysk, a salesiana cooperadora portuguesa, Alexandrina da Costa, e a irmã salesiana Eusébia Palomino.

Para o sistema educativo de Dom Bosco, esta grande lista de santos é importante porque revela que a proposta de educação que se oferece nos colégios salesianos não se contenta em formar qualquer tipo de homem ou de mulher, mas forma campeões, propõe ao jovem um ideal muito alto na onda do aperfeiçoamento humano, cujo pico é a santidade. Ser santo para dom Bosco é ser honesto e alegre no que faz.

Um cidadão assim, como o santo, é importante para a humanidade. Nós conhecemos, por exemplo, o próprio Dom Bosco, Madre Tereza da Calcutá e um jovem universitário salesiano, Giacono Maffei, que liderava os colegas em favor dos colegas. *Padre Mário Bonatti*

Não basta avaliar para melhorar o ensino*Laura Cristina Chaves*

Por muito tempo acreditou-se que a educação seria capaz de tornar a sociedade mais justa e igualitária. Passado o tempo, vimos que, na verdade, a escola reproduziu o modelo autoritário vigente na sociedade por meio de mecanismos de discriminação e exclusão. Um desses mecanismos tem sido a avaliação.

Historicamente, a avaliação escolar tem se reportado ao produto final, encerrando-se nele mesmo. Julga para expor o certo e o errado, o bem e o mal e para rotular o fraco e o forte, o inteligente e o não inteligente, o aprovado ou reprovado. Essas e muitas outras distorções só ampliam as diferenças sociais.

Diante disso, inicialmente é preciso entender que existe estreita relação entre a avaliação e o trabalho pedagógico. O modelo de avaliação adotado pelo professor é fundamental, pois irá se refletir no trabalho pedagógico. Se optar por um modelo de medidas e produto final, no pacote estará incluído um trabalho pedagógico centrado no acúmulo de informações que, num dado momento, deverão ser devolvidas. A educação, neste sentido, volta-se para: treinamento, competição, medida e esvaziamento do saber. Por outro lado, se optar por um modelo formativo de avaliação, todo o trabalho pedagógico será orientado para a superação do nível de aprendizagem do aluno, de cada um em especial.

Portanto, não basta avaliar para melhorar o ensino. O modelo e a concepção de avaliação expressam diferentes intenções e diferentes práticas sociais. Um projeto pedagógico sério reflete uma visão articulada de trabalho pedagógico e avaliação, sendo capaz de provocar mudanças na rotina escolar, não com a simples intenção de renovar, mas com a clara intenção de fazer educação e de promover a pessoa do aluno, do professor e revitalizar o espaço escolar.

Seria ingênuo dizer que é fácil, por meio da educação, diminuir as desigualdades sociais. Mas não é impossível. A escola tem importante papel social a cumprir: ensinar com qualidade a todos os alunos. Oferecer aos diferentes alunos oportunidades iguais, para que não sejam excluídos da escola e tampouco da sociedade.

Fazenda Mundo Novo I
O paraíso é aqui...**Bairro Mundo Novo - Piquete - SP**
Tel.: (11) 296-6818 e (12) 3156-8068www.fmundonovo.cjb.net

Crônicas Pitorescas

Fé é fé, ora...

Palmyro Masiero

Conheci uma jovem seperlúcida, olhinhos vivos e muitos bem falantes, que é o maior barato dentro dos seus oitenta e dois anos. Uma personalidade tão marcante, que se tem vontade de pedi-la aos filhos e levá-la para casa. Chegada recentemente do sul de Minas, onde já não tem mais nenhum parente, logo adaptou-se à cidade grande, enturmou-se, absorveu-a.

Eu não poderia perder a oportunidade de explorar tanta vivência com indagações, coisa que não a perturbou. Ela respondia a tudo com desembaraço, naturalidade e coerência. Ficamos sabendo que sua vida não fora um mar de rosas, da qual não se lamuriava; ao contrário, fazia blagues das desventuras passadas e vencidas. Católica fervorosa, não abandonava seu rosário, assistindo missa diariamente e rezando a toda hora de folga, em frente ao nicho cheio de imagens, no seu quarto.

Toda essa fé, entretanto, vai contrastar com o que contou durante um trecho de conversa, que vou levar-lhes. Quando perguntei qual a fórmula para se viver tanto tempo vendendo saúde e vitalidade, como conhecera o marido e coisas congêneres, simplesmente respondeu:

“Ora, meu filho, sempre segui aquilo que dava sorte e evitava o que poderia trazer azar”. Começou a contar com um sorrisinho maroto no rosto emoldurado de cabelos brancos: “Quando era mocinha, assanhada para saber quem seria meu esposo, primeiro recorri ao método das ervilhas, que não deu certo, e depois ao das nove estrelas”.

Claro que quisemos saber que barato era esse e ela não se fez de rogada. “Quando descascava ervilhas, eu contava quantos grãos tinha cada vagem. Quando encontrei uma com nove grãos, prendi-a sobre a porta da frente. Segundo a sorte, o primeiro que passasse por ali seria o meu futuro marido”. Parou e desandou a rir. “Só que, olhando pela fresta da janela, vi que quem se aproximava era o vigário. Corri para tirar a vagem presa à porta, pois não poderia desposar o padre. Passei para outra sorte. Durante nove noites seguidas contei nove

estrelas e na nona noite conheci o meu príncipe encantado (não disse se chegou a cavalo). Namoramos, casamos e tivemos quinze filhos”.

Quisemos saber se realmente fora o homem de sua vida, idiotice que reconhecemos após a pergunta já ter sido feita: quinze filhos! Ora... “Foi, porque já faleceu. Mas eu estive sempre alerta desde o noivado. Sabia, por exemplo, que, se perdesse a aliança, meu casamento seria um fracasso, por isso jamais tirei-a do dedo. Adiei nosso matrimônio porque no dia marcado eu estava de luto de uma tia e isso traria azar. Também não olhei no espelho depois de colocado o vestido de noiva. Sei que fomos felizes”.

Saindo do assunto casamento, interessaram-me outras diretrizes a tomar que prenunciassem bons ou maus presságios. “Olha, moço, um conselho! Nunca durma com o luar sobre o rosto. Você dormirá desassossegado, depois terá dores de cabeça, nevralgias, até chegar à loucura total”.

Tenho fobia por aranhas e não sabia que podiam ser úteis. A jovem idosa contou-me também algo sobre aranhas: que, de um lado, são boas para nossos irmãos nordestinos, mas de outro são ruins. Se a gente matar, chove: é a boa. Mas quem a mata ficará pobre ou sofrerá alguma desgraça: é ruim. Como contrapeso, se usar uma aranha (fiquei sem saber se viva ou morta) dentro de uma casca de noz pendurada ao pescoço, gozará de excelente saúde.

“Se você derramar sal – prosseguiu, significa má sorte. Pra quebrar isso mande alguém lhe dar um beliscão no ombro. Se ouvir passarinho cantar à noite, dê três cuspidinhas, que não terá dor de dentes. Jamais coloque seus sapatos em prateleiras mais altas que sua cabeça, que isso atrai a morte”.

Tem tanta coisa mais sobre o assunto que voltaremos a tocá-lo. Mas todos nós sabemos que tudo não passa de superstições, crendices, sem a menor fé nessas histórias. Apenas uma coisa me encuca: por que será que todas as vezes que cruzei com gato preto dou três pancadinhas em madeira?

O boiadeiro

Edival da Silva Castro

No tempo em que as boiadas eram transportadas por terra, o destemido boiadeiro impressionava por onde passava.

Montado num cavalo ancho, manga-larga, arreio de couro trabalhado, chapéu aba-larga, gibão e esporas no tacão das botas, conduzia o boiadeiro.

À frente, o som da buzina de chifre apaziguava a boiada. Ordeira, ela rumava ao destino.

A parada à noite era feita à margem de um rio e sob árvores. Um fogo quebrava a negrura da noite, um bule aquecia o café e panelas chamejantes tranquilizavam o descanso. O gado, deitado sossegado, ruminava, mugia, aguardava o amanhecer.

O boiadeiro também descansava. Fazia da cela seu travesseiro, da relva a cama. De olhar parado nas estrelas, curti a saudade.

O bulício do tropear, do mugir da boiada e a voz preguiçosa do berrante acompanhavam sua quietude.

Como a luz que se apagava, colocava o chapeirão no rosto e dormitava.

O sol, avermelhando o horizonte, renunciava o alvorecer.

Um novo dia, um novo caminho, uma nova etapa.

O boiadeiro, de cavalo encilhado, bruaca feita, esperava o berrante levantar a boiada.

De muito longe ouvia-se o zumbir das reses. Uma nuvem de poeira tapava o sol, pela caminhada, e o berrante ia cantando e tangendo pela estrada fora.

O boiadeiro, de estilo impecável, dominava a boiada, ralhando com o gado, estralejando o chicote, atravessando sertões, campos e cidades. Dificilmente, uma rês se desgarrava do seu mando.

– Vamos boi...! Cuidado boi...! Eia boi...!

Logo roufenhava a voz, a poeira vermelha do estradão aos poucos penetrava no seu íntimo, grudava no seu coração.

De lenço tapando o nariz e a boca, trazia os olhos vivos; seu grito e o estalo do chicote faziam parte da nobre profissão.

Esporeando o cavalo, ia por diante:

– Vamos boi...! Cuidado boi...! Eia boi...!

A Fundação Christiano Rosa convida para a apresentação

“Balé Folclórico”

com o Grupo Abaçai Cultura e Arte

Quadra do Colégio Leonor Guimarães

Dia 05 de junho - 19h30min





Lucas e a esposa, Irene, recebem os visitantes com carinho e atenção especiais, no seu “Cantinho Histórico dos Marins” (ao fundo)

Cantinho Histórico dos Marins

Quem chega ao bairro dos Marins, em Piquete, sente-se homenageado pela natureza, que presenteia a todos com uma das mais belas paisagens valeparaibanas.

O Pico dos Marins, com seus 2422m, mostra-se grandioso, expondo suas grimpas e escarpas, que reluzem pelo brilho das inúmeras nascentes que brotam de suas encostas. Nesse maciço montanhoso nasce o ribeirão Passa Quatro, cuja bacia é foco do projeto “Conscientização e Percepção Ambiental: do Paraíba ao Ribeirão Passa Quatro”, elaborado pela FCR e financiado pelo FEHIDRO, com parcerias da Fundação Florestal e da Prefeitura Municipal de Piquete.

Muitos moradores da região têm participado desse projeto e, aos poucos, vêm tomando consciência da necessidade de se preservar o meio ambiente e, assim, valorizar o potencial turístico do bairro.

Nos últimos anos, inúmeras iniciativas para promover a região dos Marins têm surgido por parte de sua população. Uma idéia bem sucedida partiu do Sr. Lucas Rodrigues, antigo morador do bairro, que, percebendo a importância da preservação da história local e do resgate cultural, criou o “**Cantinho Histórico**

O companheiro de causos, Joaquim Bertolino



dos Marins”. Inaugurado no dia 17 de setembro de 2002, o espaço localiza-se nos fundos de sua casa. Uma placa em frente à sua residência, visível da principal rua do bairro, aponta o local. Trata-se de um bem montado museu instalado numa construção no quintal da casa.

O acervo

O rico acervo é formado, em grande parte, por objetos usados no cotidiano rural antes da chegada da energia elétrica no bairro. Muitos em desuso, alguns ainda podem ser encontrados em residências da comunidade, e outros são curiosos.

A coleção do “Cantinho Histórico” já conta com mais de 400 peças, que são catalogadas e expostas. Foi iniciada com alguns objetos pertencentes à família de “seu” Lucas. Aos poucos, outros foram sendo recebidos: doação de parentes e amigos. São objetos de uso doméstico, do trabalho na lavoura, no trato com animais e tropas. Assim, cinerros, arreios, esporas, canastras, jacás, cilhão, além de arados, foices, enxadas, tachos, panelas de ferro, bules de ágata, pilões, candeeiros, lamparinas, oratórios, castiçais, armas e muito mais lá são encontrados.

Ao redor do “Cantinho Histórico”, Lucas adaptou outras construções, de maneira que o visitante tome conhecimento de como se vivia no campo: tulhas, galinheiros, chiqueiros, casa de máquina, engenho, casa de farinha, monjolo, maquinaria para a fabricação de fumo-de-rolô – cambota, cabrito, enrolador de fumo, etc. Tudo aguça a curiosidade do visitante.

Os visitantes

Nos fins de semana tem crescido o número de pessoas dos mais diferentes lugares que procuram o bairro dos Marins. O lugar serve de passagem para todos os que buscam lazer e esportes na Mantiqueira: cachoeiras, piscinas naturais e o clima de montanha. O Pico dos Marins é uma atração à parte. Assim, o “Cantinho Histórico” é um lugar a se conhecer. Seu

livro de visitas já conta com mais de 700 assinaturas. A todos seu Lucas recebe com sorrisos e grande satisfação, explicando a origem e a utilidade de cada objeto.

Resgatando a história do bairro

Seu Lucas é um grande entusiasta do bairro e contador de histórias. Coadjuvado pelos irmãos Geraldo e Joaquim B. Pinto, que estão sempre próximos do “Cantinho Histórico”, é delicioso ouvi-los contar sobre o bairro e tudo que diz respeito ao lugar e à sua gente. Uma sucessão de “causos” e fatos são desfiados. São histórias de tropeiros, de festas, da religiosidade, das diversas excursões ao pico dos Marins... Quase tudo comprovado por inúmeras fotos que enriquecem o acervo do museu. Uma visita ao “Cantinho Histórico dos Marins” e um bate-papo com antigos moradores remetem-nos às nossas origens... É uma viagem ao encontro de nossas raízes.

Antônio Carlos Monteiro Chaves





Professores e ex-professores do Grupo Escolar "Antônio João"



Discurso e declamação pela professora Myrthes Mazza Masiero

Antonio João - 84 anos de sua origem

No último dia 30 de abril, aconteceu, no Grupo Escolar Antônio João, em Piquete, uma comemoração alusiva aos 84 anos da criação da escola que lhe deu origem (*vide "Imagem - Memória" - pag. 2*).

O evento foi coroado de êxito. Contou com a presença de inúmeros professores, muitos vindos de cidades distantes, que se confraternizaram, rememorando momentos agradáveis em que lecionaram nessa tradicional casa de ensino de Piquete, em diferentes épocas.

Na recepção aos convidados, momentos de alegria com encontros e surpresas agradáveis. Pelos corredores da atual Escola Municipal Antônio João, uma exposição fotográfica organizada pela Fundação Christiano Rosa, em que a Escola é mostrada em vários períodos de sua história. Os convidados, em grupos, iam se concentrando em frente aos painéis e teciam comentários, identificavam pessoas e contavam fatos pitorescos sobre professores e alunos. Dona Fernanda Faury lembrou-se da formação em fila das classes para se dirigirem à sala de aula... Myrthes Mazza se viu numa foto com sua primeira turma de alunos...

Na abertura da cerimônia foram cantados os hinos Nacional e de Piquete. Após a leitura de uma síntese histórica da Escola, houve apresentações de poesias, músicas e danças por alunos. O ex-diretor, Professor Carlos Ramos da Silva, usou a palavra e, emocionado, disse duvidar de que naquele momento alguém pudesse estar mais feliz que ele. A Professora Myrthes Mazza homenageou a escola e os colegas declamando o poema "Silêncio". Na seqüência foi servido um lanche, durante o qual os convidados puderam se congratular e "matar as saudades".

Prof. Joracy Faury e as professoras Fernanda B. Faury e Maria Alice da Luz



A emoção tomou conta dos que reviram alguns mestres queridos como D. Fernanda Faury, Maria Cipolli, Carlos Ramos da Silva, Maria Alice Luz, Ritinha Câmara, Marizinha Peixoto e outros, além dos que lecionaram em tempos mais recentes.

Última visita do prof. Carlos Ramos

Foi com pesar que recebemos a notícia do falecimento, no dia 10 de maio, em Guaratinguetá, do Professor Carlos Ramos da Silva, ex- diretor do Grupo Escolar "Antônio João". O professor Carlos Ramos esteve presente à festa comemorativa dos 84 da escola e fez um discurso, muito emocionado. Disse-nos que não andava bem de saúde e que ficara bom tempo acamado. Era sua primeira saída após o restabelecimento, mas não poderia, de forma alguma, deixar de comparecer. Sentia-se feliz.

Acompanhado do filho Antônio Carlos e de Chico Máximo, andou pelos corredores apreciando a exposição de fotos, algumas do período em que lá atuou como diretor. Percebia-se que ele estava ainda com a saúde fragilizada e que fazia grande esforço para estar presente. Após muitos anos sem vê-lo, ainda pude identificar naquele ancião a figura querida de nosso diretor e o semblante altivo daquele que nos ensinou a cultivar a responsabilidade, o companheirismo, a disciplina, sem se perder a alegria da infância. Mestre querido, que Deus, na sua infinita bondade, o acolha nos braços, assim como certa vez o vi acolher um menino que havia se machucado no horário do recreio.

Teca Gouvêa

Professor Carlos Ramos da Silva e Professora Eunice Fernandes



Notas da Cidade

□ No dia 17 de abril de 2004, na Capela de Nossa Senhora Aparecida, foi empossada a Associação dos Moradores do Bairro dos Marins. A cerimônia contou com a presença de autoridades municipais e da população local. A primeira diretoria dessa Associação ficou assim constituída: Presidente: Lucas Rodrigues; Vice-Presidente: João Bosco Corrêa; Primeiro Secretário: Márcia F. Domingues; Segundo Secretário: Maria Aparecida; Primeiro Tesoureiro: Joaquim Bertolino Pinto; Segundo Tesoureiro: Domingos Sávio Corrêa; Suplentes: Geraldo B. Pinto; Gilberto S. Brito e Paulo Tomé.

□ No dia 25 de abril, a convite da Fundação Christiano Rosa, a TV Vanguarda esteve no Bairro dos Marins para divulgar o projeto "*Conscientização e Percepção Ambiental: do Paraíba do Sul ao Ribeirão Passa Quatro*", idealizado pela FCR. Na oportunidade, foram mostrados trabalhos resultantes do referido projeto, desenvolvidos por moradores do Bairro que procuram resgatar e preservar a cultura do Bairro.

□ A Escola Profª Leonor Guimarães realizou, no dia 10-05, um sarau em homenagem às Mães. No hall de entrada da escola e pelos corredores de acesso ao anfiteatro podiam ser apreciados trabalhos de artistas plásticos, escultores, artesãos, peças do museu municipal e coleções de fotos de família. Receberam homenagem em nichos carinhosamente enfeitados a poeta Profª Mariinha Mota, o Sr. Carlos Vieira Soares e o Sr. Oswaldo Peixoto.

Durante o sarau, a apresentação de alunos e artistas locais. As professoras Wanda Mota e Marizinha Peixoto enriqueceram o evento declamando e lendo, respectivamente, uma poesia da Profª Eunice Fernandes e uma crônica do Prof. Chico Máximo. Nossos aplausos à direção do E.E.P.S.G. "Leonor Guimarães" e aos Professores que organizaram o evento.

□ No dia 06 de maio, no Salão Luiz Vieira Soares, organizada pela Secretaria Municipal de Saúde, foi realizada a "**I Conferência Municipal de Saúde Bucal**", que teve como tema principal "*Acesso e qualidade superando a exclusão social*".

A etapa municipal é preparatória da Conferência Nacional que se realizará em Brasília. A discussão transcorreu em cima de eixos temáticos: Educação e Construção da Cidadania; Formação e trabalho em Saúde Bucal; Controle Social; Gestão Participativa em Saúde Bucal e Financiamento e Organização de Atenção em Saúde Bucal. Após a apresentação, foram discutidos os temas e votadas as propostas de Piquete, que foram encaminhadas à Conferência Regional.

Além dos profissionais da Área de Saúde no município, participaram representantes da sociedade civil.